



11º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA E DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Jessica Aparecida Rigoldi¹
Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar²

O processo de alfabetização é de extrema importância para o homem enquanto ser social e participe de uma sociedade grafocêntrica. Essa necessidade e desejo também compreendem as pessoas com deficiência intelectual que ficam a margem da sociedade. Pensando nessa especificidade este texto tem por objetivo analisar a apropriação do sistema de escrita em jovens e adultos com deficiência intelectual: As aulas foram planejadas a partir da proposição da Metodologia da Mediação Dialética e as atividades de escrita analisadas a luz da Psicogênese da Língua Escrita. Os dados estão sendo coletados no ateliê de alfabetização do projeto "Atividades Alternativas para pessoas com necessidades especiais". Os primeiros resultados vêm sinalizando possibilidades, mesmo que em fase adulta, de apropriação da escrita pelo deficiente intelectual.

Palavras-chave: Alfabetização. Escrita. Deficiência Intelectual.

Área temática: Educação.

Coordenador(a) do projeto: Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar, e-mail: gizelialencar@gmail.com, Departamento de Teoria e Prática da Educação/UEM.

Introdução

O processo de alfabetização é de extrema importância para qualquer ser humano, inclusive para pessoa com deficiência intelectual. Para atuar com pessoas com necessidades educacionais especiais, o professor deve considerar as especificidades presentes no processo de desenvolvimento do sujeito, bem como conhecer os métodos de ensino para aplicá-lo em sala de aula. Nesse contexto independe se o método escolhido é o sintético, o analítico ou o analítico sintético. Assim sendo, este trabalho tem por objetivo analisar a apropriação do sistema de escrita em jovens e adultos com deficiência intelectual fundamentado nos estudos de Ferreiro (1986), Carvalho 2009, Gontijo (2008) dentre outros.

Durante muito tempo, discutiu-se qual método seria mais eficaz para se alfabetizar. O *método sintético* que parte de unidades menores para maiores (letra, sílaba, palavras ao texto), o *método analítico* ou *global* que vai de unidades maiores para menores (texto, palavras, sílabas e letras), ou ainda o *método analítico-sintético*, que combina os dois métodos anteriores.

¹Acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá/UEM

²Professora do Departamento de Teoria e Prática na Universidade Estadual de Maringá/UEM



Não nos ateremos aqui na defesa desse ou daquele método, pois como bem pontuado por Carvalho 2009 (p. 19) “todos os métodos, por mais estapafúrdios que pareçam, dão certo com algumas crianças, mas nenhum deles é eficaz com todas.

Para o professor alfabetizar uma criança ou adulto com ou sem deficiência intelectual, é necessário conhecer a realidade do aluno, e levar em conta tudo que o aluno sabe inclusive as particularidades de cada um. As aulas devem ser no “coletivo” e no “individual” atendendo interesses e capacidades comuns e distintos. Dessa forma, acreditamos ser viável o trabalho pedagógico junto a pessoas com deficiência intelectual a partir da psicogênese da Língua Escrita defendido por Emília Ferreiro.

Urge, portanto, que o professor seja capaz de identificar em que nível de escrita o aluno se encontra e quais hipóteses ele elabora, ou seja, se estiver no *período pré-silábico* começará a diferenciar letras de símbolos; a levantar a hipótese de que para se escrever uma palavra, devem-se usar duas ou mais letras e que elas devem ter uma sequência diferente. Em relação ao *período silábico* começa a perceber que as letras que coloca no papel, são as palavras que pronuncia. Ao ler o que acabou de escrever tenta buscar coincidir as sílabas que pronuncia oralmente com as que estão no papel. Cria-se também a noção de quantas letras tem a palavra que escreveu. Já no *período silábico-alfabético* a criança começará a prestar mais atenção aos sons das sílabas. E assim ao verificar que errou, volta e reescreve. E por fim o *período alfabético* em que a criança já compreende o sistema de escrita faltando apenas apropriar-se das convenções ortográficas; principalmente nas sílabas complexas. A partir desse momento a criança deve ser incentivada constantemente a leitura e a escrita, pois estar nesse período não é sinônimo de alfabetização, esse processo vai ser construído gradativamente no processo de escolarização. (FERREIRO, 1986)

Materiais e Métodos

O estudo está sendo realizado no “Projeto de Extensão: Atividades Alternativas para Pessoas com Necessidades Especiais”, no campus da Universidade Estadual de Maringá/UEM, no ateliê de alfabetização e conta com a participação de 5 adultos do sexo masculino e com deficiência intelectual. As atividades desenvolvidas são planejadas a partir de temas trazidos pelos alunos e que se transformam em projetos para serem implementados e discutidos. A coleta dos dados é realizada por meio dos planejamentos das aulas e dos registros contínuos das atividades desenvolvidas em sala de aula (diário de campo).

O planejamento das aulas, fundamentados na Metodologia da Mediação Dialética (MMD), é composto por 4 momentos específicos; resgatando/registando; problematizando, sistematizando e produzindo. O primeiro momento compreende situações em que o professor faz questionamentos aos alunos sobre a temática. As respostas são anotadas no quadro ou em diário de campo para ser sistematizada posteriormente. Esse momento configura-se importante, pois se constata o que o aluno conhece sobre o assunto. Uma vez identificado esses conhecimentos o professor problematiza a situação elaborando questionamentos que levem o aluno a perceber que o conhecimento que possui não é suficiente sobre o mesmo, provocando uma tensão entre o saber de senso comum e o saber científico. A partir de então o professor passa para o terceiro momento de seu planejamento – a sistematização. Este momento refere-se ao ensino do conteúdo científico usando uma linguagem acessível e compreensível para o aluno. Importante ressaltar que o mesmo não se reduz a simplificação do conteúdo de forma coloquial e sim a



possibilidade de transformar o conteúdo de referencia em conteúdo ensinável. Após trabalhar o conteúdo o professor dá inicio a última etapa do planejamento intitulada produzindo. Nesse são trabalhada atividades nas quais o professor verifica se o aluno se apropriou ou não do conteúdo.

Discussão de Resultados

Para elaboração desse texto fez-se um recorte das atividades referentes ao projeto “Dengue”. O tema começou a ser trabalhado pelas professoras por meio de questionamentos sobre o assunto, contemplando a etapa Resgatando/registando do planejamento de aula, conforme fragmento abaixo:

RESGATANDO/REGISTRANDO	RESPOSTAS DOS ALUNOS
Prof.- Vocês já ouviram falar sobre dengue/ O que você sabe sobre a “dengue”?	Todos: <i>Sim</i> A- <i>Pica até os passarinhos</i> C- <i>Pica gente</i> E- <i>Pica gente, moça cuida da dengue, limpa o chão</i> L- <i>Contamina a água do cachorro, e daí ele não pode tomar que morre.</i>
Prof.- O que acontece quando o mosquito pica?	A - <i>Fica mole para fazer as coisas</i> C - <i>Morre</i> E- <i>Pega dengue</i> L – <i>Fica contaminado</i>
Prof.- Onde os mosquitos colocam seus ovos?	A- <i>Coloca o ovo na garrafa e pica e morre, coloca a larvinha, também na poça de água, no lixo que joga no portão se não queimar fica podre o lixo.</i> C- <i>Lixo, água e mosquito.</i> E- <i>Lixo e na água</i> L- <i>Dentro de uma cestinha cheia de grama, que ele põe o ovinho lá.</i>

Mediante as informações trazidas pelos alunos as professoras passaram para a 2ª etapa do planejamento de aula, o problematizando, conforme excerto abaixo:

PROBLEMATIZANDO	RESPOSTAS DOS ALUNOS
O que é dengue Hemorrágica?	A – <i>Mata, morre, deixa fraquinho</i> C - <i>Mata gente</i> E- <i>Mata, hospital, mata o velho</i> L – <i>não sei.</i>

Após as discussões e detectado o conhecimento que os alunos possuíam trabalhou-se na terceira etapa do planejamento “sistematizando” o conteúdo científico “dengue” enfatizando o que é, como se contrai, quais os sintomas, como se alastra, quais os tipos e como prevenir.



Findada a explicação do conteúdo as atividades da 4ª etapa – produzindo - foram realizadas oralmente e por meio de atividades com tentativas de escrita, localização de palavras no texto, caça-palavras sobre o tema, tentativas de leituras e ditados. Durante as aulas foi enfatizado as vogais e a consoante “L”. Para ilustração do desempenho da escrita optou-se pela transcrição de uma das atividades de ditado transcrito a seguir.

Ditado

	Palavras ditadas						
Aluno	Dengue	Mosquito	Água	Acumular	Lata	Limpar	Lixo
A.	DEDEGEA	MOMOQUIE	ÁUA	ACUMUALA	LATA	LIPA	XPAXE
C	EFE	NOIBO	AGUA	AUMULA	LATA	LIMA	LIXO
E.T.	EE	OIO	AUA	AUULA	LAL	LIA	IO
E.	ATD	ATD	AT	ATD	LTD	LTD	LTD
L.	EE	OEO	AUA	AUULA	LAA	LIA	LIO

Tomando como referencial a atividade acima temos a seguinte classificação de escrita.

Aluno	Nível de escrita
A.	hipótese silábica – sem valor sonoro e com valor sonoro
C	hipótese silábica-alfabética
E.T.	hipótese silábica – com valor sonoro
E.	Hipótese pré-silábica
L.	hipótese silábica – sem valor sonoro e com valor sonoro

Constata-se assim que o participante “E” encontra na hipótese pré-silábica, pois não estabelece relação entre a fala e escrita.

Os participantes “A” e “L” encontram-se na hipótese silábica. Suas escritas começam a estabelecer relações entre contexto sonoro da linguagem e o contexto gráfico do registro. Oscilam entre escrita sem valor sonoro e com valor sonoro.

O participante “ET”, por sua vez, encontra-se na hipótese silábica nível 2, ou seja, faz registro escrito com valor sonoro e começa a estabelecer relação entre grafema-fonema.

Já o participante “C” encontra-se na hipótese silábico-alfabética e já acrescenta mais de uma letra para cada som falado e as vezes omite algumas letras.

Conclusões

As atividades desenvolvidas no ateliê de alfabetização estão possibilitando apropriação de conhecimentos científicos sobre a apropriação do sistema de escrita alfabética por parte dos jovens e adultos com deficiência intelectual que dele participam. Contudo, para que esses alunos adquiram tais conhecimentos, é preciso que o professor conheça os pressupostos teóricos que versam sobre alfabetização/letramento, bem como os métodos elaborados ao longo da história.

Atividades escolares baseadas em simples repetição e memorização não contribuem para o processo de desenvolvimento dessas pessoas. Acreditamos que a falta de conhecimento dessas teorias e práticas educativas, associada à descrença na possibilidade de apropriação da escrita por pessoas com deficiência intelectual corroboram para que os mesmos fiquem prejudicados nesse processo.



Reflexões desta natureza se fazem necessária em tempos de inclusão. Nossa intenção não é fazer apologia a um método específico de alfabetização para pessoas com deficiência intelectual, mas divulgar as possibilidades de desenvolvimento, reconhecendo evidentemente as especificidades de cada um e as particularidades da deficiência. Há que se considerar que argumentos teórico-empíricos são favoráveis à educação inclusiva e assim sendo não podemos negligenciar a importância que a sociedade concede as pessoas alfabetizadas e letradas Privá-los desse direito, garantido por lei, é coloca-los ainda mais á margem da sociedade.

Referências

CAGLIARI, Luiz. Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu. São Paulo: Scipione, 2009

CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática. 6 ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009

GONTIJO, Claudia Maria. A escrita infantil. São Paulo: Cortez, 2008

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogenese da Língua Escrita. Artes Médicas, 1986.